



FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E SAÚDE – FACES

LETRAS

ALBERTO SALES DO NASCIMENTO JÚNIOR

**A VIOLÊNCIA URBANA E A OBRA “INFERNO” DE PATRICIA MELO COMO
INSTRUMENTO DE ENSINO DA FICÇÃO BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA EM
SALA DE AULA**

BRASÍLIA – DF

Dezembro/2011

ALBERTO SALES DO NASCIMENTO JÚNIOR

**A VIOLÊNCIA URBANA E A OBRA “INFERNO” DE PATRICIA MELO COMO
INSTRUMENTO DE ENSINO DA FICÇÃO BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA EM
SALA DE AULA**

Monografia apresentada como requisito parcial para a conclusão do Curso de Licenciatura em Letras pela Faculdade de Ciências da Educação e Saúde - FACES - do Centro Universitário de Brasília - UniCEUB -, tendo como orientadora a Prof^a Dr^a Ana Luiza Montalvão Maia.

BRASÍLIA – DF
Dezembro/2011

ALBERTO SALES DO NASCIMENTO JÚNIOR

**A VIOLÊNCIA URBANA E A OBRA “INFERNO” DE PATRICIA MELO COMO
INSTRUMENTO DE ENSINO DA FICÇÃO BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA EM
SALA DE AULA**

Monografia apresentada como requisito parcial para a conclusão do Curso de Licenciatura em Letras pela Faculdade de Ciências da Educação e Saúde - FACES - do Centro Universitário de Brasília - UniCeub -, tendo como orientadora a Profª Drª Ana Luiza Montalvão Maia.

Aprovado em ___/___/___.

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Ana Luiza Montalvão Maia (Orientadora)

Profª Drª Maria Eneida Rosa (UniCEUB)

Profª Ma. Ana Regina Salviano (UniCEUB)

Dedico este trabalho a Deus, primeiramente, pela saúde, fé e perseverança que tem me dado. A meus pais a quem honro pelo esforço e me deram as condições de chegar ao êxito na sociedade letrada. À minha irmã que me deu todo o apoio em todo o curso. A todos os professores e professoras que contribuíram muito para a minha formação e, principalmente, à minha professora orientadora e doutora, Ana Luiza Montalvão Maia, pela dedicação e sabedoria na qual me guiou.

Agradeço à instituição e aos meus professores quem me formaram como um profissional nesta etapa universitária e à minha irmã, por ter me dado apoio em todo o curso. Um agradecimento especial à minha professora orientadora e doutora Ana Luiza Montalvão Maia por fazer possível esta monografia.

A violência faz-se passar sempre por uma
contra-violência, quer dizer, por uma
resposta à violência alheia.

Jean-Paul Sartre

RESUMO

Esta monografia é o resultado de um estudo sobre a violência urbana na obra “Inferno”, de Patrícia Melo como instrumento de ensino da ficção brasileira contemporânea em sala de aula. Verifica-se, inicialmente, o contexto histórico da violência na literatura brasileira. Vários autores foram consultados, subsídios para a análise do *corpus* da pesquisa como Antônio Cândido, Anibal Quijano, entre outros. Em seguida, foi discutida a questão da violência na obra “Inferno”, de Patrícia Melo, objeto de estudo. E, ao final, de que forma é possível estabelecer uma relação de ensino-aprendizagem tendo como viés a violência presente na ficção brasileira contemporânea e no contexto em que vivemos.

Palavras-chave: contemporaneidade – ensino – violência urbana.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO 1: Literatura e Colonialidade.....	10
CAPÍTULO 2: A Violência Urbana.....	16
CAPÍTULO 3: Plano de Aula.....	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
REFERÊNCIAS.....	28

INTRODUÇÃO

Pretende-se analisar a obra “Inferno”, de Patrícia Melo sob as características da literatura contemporânea brasileira: a violência. O grande problema a ser averiguado é que a literatura contemporânea brasileira não é contemplada no Ensino Médio em que, a grande pergunta é: por que as escolas brasileiras privam os conhecimentos de literatura contemporânea? O resultado é que a literatura contemporânea mostra a realidade brasileira, principalmente focando na questão da violência.

O método utilizado será por meio da análise qualitativa, cujo instrumento utilizado será a análise documental, por permitir a compreensão das funções individuais e sociais da leitura de textos literários.

A importância deste estudo está em destacar as características da literatura contemporânea brasileira no livro “Inferno”, de Patrícia Melo, como também mostrar para os alunos, em sala de aula, a violência que está no livro, ou seja, que permeia a sociedade globalizada.

A literatura contemporânea é o resultado das grandes mudanças ocorridas da metade do século XX até os dias atuais. Desde os anos 50, houve no mundo todo, profundas transformações na economia, na política e, especialmente, na área tecnológica. Evidentemente, tudo isso se refletiu nas artes em geral.

Na literatura contemporânea há uma grande mistura de tendências que conserva muito do Modernismo, tanto nas artes plásticas quanto na literatura. Hoje, o dia a dia das pessoas é invadido pela tecnologia de massa – TV, computador, telefonia celular – o que provocou o que alguns estudiosos chamam de “uma grande aldeia global”. Mas, por paradoxal que possa parecer, convive-se ainda com um contingente de pessoas que não tem acesso aos meios mais simples de comunicação, os chamados “excluídos digitais”.

A literatura contemporânea, assim, demonstra a intertextualidade desta mistura dos meios de comunicação, incorporando suas técnicas. Nela estão presentes também a liberdade formal, humor, captação do cotidiano e cenas da vida urbana. A linguagem da literatura contemporânea é próxima do coloquial e o vocabulário é bem simples. Na literatura contemporânea, há eliminação das fronteiras entre o erudito e o popular, o que permite a valorização da arte popular

feita por pessoas simples, oriundas das classes mais baixas da população.

O que era considerada “cultura regional”, com a literatura contemporânea passa a ser vista como produção artística de qualidade tão boa e importante como a dos artistas considerados consagrados, motivo de valorização e reconhecimento nos meios acadêmicos.

Embora o mundo tenha se tornado “uma grande aldeia global” e as distâncias na comunicação encurtadas pelo mundo virtual, as pessoas, cada vez mais individualizadas começam a sofrer com o afastamento causado pela distância virtual. Mais e mais pessoas se isolam num comportamento solitário de se comunicar através de recursos tecnológicos e sem sair de casa. É o paradoxo da comunicação da nova era: aproximar as pessoas para afastá-la.

CAPÍTULO 1

Literatura e Colonialidade

Tomar a obra literária como documento não é propriamente um erro, mas não é o objetivo de um estudo crítico literário. Tomar um texto como literário quer dizer tomá-lo como um texto no qual as funções pragmáticas da linguagem, embora não sejam abolidas, ficam subordinadas à função estética ou poética. Tomar um texto literário a partir de um olhar que reflita acerca de novas possibilidades literárias que não se enquadre no cânone, é o caso do objeto de estudo da pesquisa: a obra “Inferno”, de Patrícia Melo. É trabalhar com o conceito de Literatura ainda nos parâmetros da cultura europeia fundadora. É deixar de pensar a Literatura como algo que está sempre em transgressão: seja na linguagem, seja no mundo. A relevância de uma obra literária está em assinalar e, em alguns casos, iluminar contradições.

Toda obra literária sempre fala de si mesma (às vezes mais explicitamente, às vezes mais veladamente) e, ao fazê-lo, oferece pistas, indica caminhos para sua própria interpretação. As pistas não devem ser tomadas ao pé da letra, e não é sempre que o escritor tem plena consciência de estar fazendo isso. Uma obra literária pode dizer mais ou, às vezes, menos do que pretende o escritor. Ela guarda assim, certa independência ou autonomia frente àquele que a produziu, como também frente àqueles que a leram, leem ou lerão. É por isso mesmo que ela atravessa os tempos e continua sendo fonte da provocação para cada novo leitor.

Ao se estudar uma obra que foge aos padrões estabelecidos, aqueles que não se enquadram e não se firmam numa visão eurocêntrica¹ da literatura brasileira, torna-se necessário iniciar a reflexão a partir do conceito de periferia e a visão da periferia que se tem de dentro da periferia, como é o caso do narrador da obra “Inferno”, *corpus* da pesquisa. É não olhar a periferia com os olhos de um outro que está fora e que quase sempre a olha como supostamente estranha.

Embora a obra “Inferno” fale sobre miséria, sobre violência, sobre corrupção, sobre perversão, a obra não veicula um retrato da ideologia dominante – ao

¹ Eurocêntrica: é uma ideia que coloca os interesses e a cultura europeia como sendo as mais importantes e avançadas do mundo.

contrário, há no livro uma subversão dos valores reificados² pelo poder hegemônico da classe dominante, do centro. A obra “Inferno” não é estranha, não é a miséria distante: é o mundo, é o local onde a ordem das coisas pode fazer sentido diferente e a subjetivação das experiências pode abrir novos sentidos que não os reificados pela razão tradicional das culturas hegemônicas³.

Inicialmente, é preciso destacar a noção de “literatura periférica” a partir da importância do processo colonizatório brasileiro. Sabendo que a periferia só se constitui a partir do centro, no caso brasileiro, a visão etnocêntrica⁴, a dos portugueses do século XVI. O centro considerado é a Europa, e a literatura periférica parte de um registro experimental distinto dos pressupostos da racionalidade europeia.

Para discutir tais questões é importante destacar dos argumentos do crítico Antonio Cândido a respeito do processo colonizatório brasileiro e do teórico peruano Anibal Quijano.

Quando se olha para a produção literária da América Latina e do Brasil, tomando como ponto de partida o elemento cultural e social, depara-se com a questão do subdesenvolvimento, que afeta a literatura. Antônio Cândido, ao analisar essa produção (Literatura e Subdesenvolvimento)⁵, divide a literatura latino-americana em duas épocas: a primeira, ele chama de “fase da consciência amena de atraso”, que corresponde à ideologia de “país novo”, onde está presente o exagero do Romantismo.

É possível perceber a subordinação quase que total aos padrões da cultura estrangeira. Essa ideia de aceitação pressupõe, assim, uma imitação acrítica e indiscriminada do que existe de bom e de ruim na matriz cultural que se toma como modelo, afirmando uma dependência servil à cultura das metrópoles europeias.

² Reificação: significa uma forma particular de alienação, característica do modo de produção capitalista. Implica a coisificação das relações sociais, de modo que a sua natureza é expressa através de relações entre objetos de troca.

³ Hegemonia: é a supremacia de um povo sobre outros, seja através da introdução de sua cultura ou por meios militares.

⁴ Etnocentrismo: é um conceito antropológico, que ocorre quando um determinado indivíduo ou grupo de pessoas, que têm os mesmos hábitos e caráter social, discrimina outro, julgando-se melhor, seja pela sua condição social, pelos diferentes hábitos ou manias, ou até mesmo por uma diferente forma de se vestir.

⁵ CANDIDO, Antonio. Literatura e Subdesenvolvimento. In: _____.

Esse deslumbramento, tanto em relação ao país e à América, vai perdurar até por volta de 1930. Os intelectuais herdaram essa ideia e a usam como forma de afirmação nacional e justificativa ideológica.

A segunda, de acordo com Candido⁶, é a da “fase catastrófica de atraso”, que corresponde à noção de “país subdesenvolvido”. Após 1950, essa ideia vai fixar-se, definitivamente, em nosso país. Mesmo com essa divisão, para Antônio Cândido, as duas fases estão, intimamente, ligadas: tanto no passado imediato e/ou remoto, como pode ser percebido ainda hoje. Recusa-se, de forma intransigente, toda e qualquer contribuição que venha de fora. Busca-se a todo preço uma originalidade (ilusória) “por obra e graça do temário local”.

Neste sentido, o que à primeira vista poderia parecer afirmação de identidade nacional termina por revelar-se uma forma de acentuar a “dependência na independência”. A noção de rejeição constitui desta maneira uma contrapartida ideológica da noção de cópia. Sem se dar conta, manifesta-se igualmente devedora do mesmo colonialismo cultural que pretendia, em termos racionais, recusar.

Na verdade, constituindo uma o inverso simétrico da outra, as duas posturas apresentam-se complementares e solidárias, quando focalizadas como dependência decorrente do atraso e da falta de desenvolvimento econômico, oferecendo-se como derivação do que Antônio Cândido denomina “consciência amena do atraso”.

Feitas essas considerações, o Brasil se firmou, enquanto produtor de bens culturais fazendo aquilo que Cândido (2000) chama de um tipo de romance social bastante relacionado com aspectos regionais, superando dessa forma, o otimismo patriótico e a adoção de um tipo de pessimismo diferente, vendo na degradação do homem uma consequência da espoliação econômica, não do seu destino individual. E nessa sociedade, capitalista moderna, a literatura precisa, frente à necessidade de rejeitar a natureza superficial da aparência, mostrar a verdadeira essência do mundo, que é o que passa com a obra “Inferno” da autora Patrícia Melo.

Já o crítico Anibal Quijano em *Colonialidade do Poder, Eurocentrismo e América Latina (2005)*⁷ explica que a colonialidade do poder é como o revés da modernidade, o fator determinante do processo de eurocentramento do poder

⁶ CANDIDO, Antonio. Idem, p. 142

⁷ QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina.** *En libro: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais.* Edgardo Lander (org.). Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. Setembro 2005, pp.227-278.

capitalista mundial. Em outras palavras, o reconhecimento da Europa por si própria, enquanto identidade, só se teria dado quando do contato com a América, apelidada de Novo Mundo, que satisfizesse o papel de “outro” necessário como contraponto para o estabelecimento das fronteiras desse europeu. Esse formato mundial, eurocentrado, e colonial/moderno que se verifica hoje é um padrão de poder que foi configurado nos primeiros séculos de dominação e determinação das relações de poder sobre a América.

O capitalismo definido por Quijano⁸, também só se consolida como estrutura mundial de poder a partir deste contato, que possibilita a formação de um padrão de dominação/exploração/conflito, articulado em torno do eixo capital-trabalho mercantilizado.

Não significa que Quijano perceba a dominação do capitalismo sobre a América como total. Ainda que seja o eixo central que a estrutura, afirma, não é o único padrão estrutural. A América seria uma totalidade heterogênea, na qual coexistiriam vários e diversos padrões e suas respectivas lógicas históricas. Essa coexistência, não se deve deixar enganar, não se trata de uma justaposição estática, mas sim de uma dinâmica de interdependências e interpenetrações.

A própria lógica do capitalismo não objetiva a homogeneidade absoluta. Antes se constrói exatamente desintegrando os padrões existentes de poder, absorvendo e redefinindo o espaço onde se instale. Vai adaptar ou absorver aqueles fragmentos estruturais que sejam úteis ou necessários e destruir os demais, se impondo, até hoje com sucesso, sobre todos os possíveis padrões alternativos. Seu caráter é de articulação dos múltiplos espaços-tempos ou contextos histórica e estruturalmente desiguais numa configuração que se faz presente em nível mundial.

A tais relações desiguais de poder que farão sempre predominar o europeu sobre o indígena Quijano (2005)⁹ chamará “eurocentrismo”, definido como um processo de bloqueio da capacidade de autoprodução e autoexpressão cultural, que pressiona para a imitação e a reprodução. O eurocentrismo impede o reconhecimento legítimo da diversidade porque só a admite como justificativa da desigualdade.

⁸ QUIJANO, Anibal. Idem.

⁹ QUIJANO, Anibal. Ibidem.

O eurocentrismo, em Quijano, pode ser percebido como a imposição de um espelho que distorce as imagens que reflete, obrigando os colonizados a se verem através dos olhos do dominador. Um paradigma sobre as formas de produção de conhecimento, perspectiva que se fundamenta tanto nas necessidades capitalistas de desmistificação do pensamento sobre o universo, quanto nas necessidades do branco de legitimar e perpetuar sua dominação/exploração como superioridade “natural” de raça.

A raça é por sua vez a categoria social primeira e inaugural da modernidade, o maior e mais fundamental dentre os instrumentos de dominação da colonialidade, produzida para dar sentido às novas relações de poder entre os chamados índios e ibéricos. A naturalização desta diferenciação está associada à atribuição de capacidades de produção cultural e intelectual e ocorre entre os colonizados nos termos das relações de escravidão, servidão, reciprocidade, pequena produção mercantil e salário. Sobre a base da ideia de “raça” se produziram, reconfiguraram e difundiram as novas identidades sociais que se conformam como eixo de distribuição mundial das formas de dominação, exploração e conflito sobre o trabalho.

Da mesma forma como estão em permanente elaboração, as identidades sociais também se produzem e difundem novas identidades geoculturais segundo as quais se distribui o controle do poder político e cultural do planeta. Para Quijano¹⁰ a difusão do modelo de formação dos Estados-nação foi essencial para expandir o capitalismo.

O Estado-nação moderno é, fundamentalmente, produto da distribuição democrática do controle de recursos de produção e de generalização e gestão das instituições de autoridade, entre os habitantes de um determinado espaço de dominação nas condições do capitalismo. Na ordem capitalista há uma associação crucial entre o Estado-nação moderno e o desenvolvimento.

Como se trata de uma relação de dominação, exploração e conflito, há obviamente desigualdades sobre o controle de recursos de produção das instituições e mecanismos de autoridade, em especial a violência, entre os habitantes de um espaço de dominação. Apesar de ser limitada, porém, a prática real da democracia é uma condição essencial de todo Estado-nação moderno

¹⁰ QUIJANO, Anibal. *Ibidem*.

consolidado. A cidadania precisa existir como modo cotidiano de relação social para funcionar como modo de relação política.

Para Quijano¹¹ também a efetiva democratização das relações culturais depende da transformação das ordens sociais e culturais para que todos os indivíduos sejam não só espectadores passivos ou mesmo usuários, mas sim produtores autônomos de cultura, colocando permanentemente em questão, os conteúdos concretos que determinam estruturalmente suas consciências, rompendo com paradigmas opressores, transformando as insurgências em discurso e ação.

Depois dos argumentos dos teóricos citados, “literatura periférica” é, politicamente, contornar a situação de alienação quase que total da juventude e poder cobrar, em todos os sentidos, a dívida histórica que se construiu a partir do sangue escravo, negro, índio, mulheres, crianças, enfim, todos explorados e lançados ao esquecimento na literatura brasileira.

No capítulo dois, serão observados os aspectos que marcam a violência urbana na obra “Inferno”, da autora Patrícia Melo, publicado em 2000, com o intuito de mostrar a realidade das pessoas que vivem nas periferias dos centros urbanos do Brasil.

¹¹ QUIJANO, Anibal. Ibidem.

CAPÍTULO 2

A Violência Urbana

É inegável que vive-se dias difíceis. A violência, em toda sua plenitude, tem envolvido grande parte da sociedade mundial. No Brasil, a violência tem feito milhares de vítimas, em alguns casos esse ato é praticado pela própria família, além de inúmeros outros casos ocorridos nas ruas.

Ao se observar o quadro atual da violência urbana, muitas vezes não se atenta para os fatores que conduziram a tal situação. No entanto, pode-se exemplificar o crescimento urbano desordenado. Em razão do acelerado processo de êxodo rural, as grandes cidades brasileiras absorveram um número de pessoas elevado, que não foi acompanhado pela infraestrutura urbana (emprego, moradia, saúde, educação, qualificação, entre outros). Esse fato desencadeou uma série de problemas sociais graves.

A violência urbana tem ocasionado a morte de milhares de jovens no Brasil. É o principal fator de mortalidade dessa faixa etária. A criminalidade não é um “privilégio” exclusivo dos grandes centros urbanos do país, entretanto o seu crescimento é largamente maior do que em cidades menores. É nas grandes cidades brasileiras que se concentram os principais problemas sociais, como desemprego, desprovimento de serviços públicos assistenciais (postos de saúde, hospitais, escolas etc.), além da ineficiência da segurança pública. Tais problemas são determinantes para o estabelecimento e proliferação da marginalidade e, conseqüentemente, da criminalidade que vem acompanhada pela violência.

É o que acontece na obra “Inferno”, de Patrícia Melo, *corpus* da pesquisa, que fala sobre um menino do morro chamado “Rezinho” que cresce junto com os bandidos de uma favela do Rio de Janeiro e desenvolve-se no tráfico de drogas e no crime. Como outras crianças que nascem e crescem nos morros cariocas, Rezinho tem uma história de vida previsível. Entra para o tráfico como olheiro, vai subindo nessa hierarquia à base de alianças e traições e, se não morrer antes, pode ser que ocupe o posto de chefe.

O romance, segundo Schollhammer¹², é narrado em terceira pessoa, por um narrador onisciente que, valendo-se do discurso indireto livre, enfoca uma galeria de personagens, construída em torno de José Luís Reis, que parece ter por objetivo fazer uma espécie de retrato do caos do mundo moderno, em que a violência assume muitas formas.

Ao por em sua mira a trajetória do menino favelado que queria ser “rei”, por isso “Reizinho”, a escritora vai enfocando progressivamente as misérias da realidade contemporânea, que abarca não apenas a periferia, mas, também, os espaços nobres da cidade. Trata-se, como bem aponta a crítica, da banalização do mal, que, embora esteja em toda parte, ou, justamente por isso, é ignorado.

Assim, o olho incômodo de Patrícia Melo enfoca, revela e põe em discussão ora a violência mais divulgada dos disparos de metralhadoras por dinheiro e poder, no mundo do tráfico de drogas, a gravidez indesejada e recorrente da adolescente do morro, a dor da mãe que somatiza o fato de não conseguir manter os filhos longe das tragédias sociais; ora violências veladas como a da relação patroa-empregada, em que o desnudamento da diferença de mundos e problemas causa estranhamento.

A trajetória do protagonista Reizinho é marcada pelo desejo de ascensão no mundo do narcotráfico, que, na verdade, consiste na única possibilidade de transcendência que ele conhece. Diante de dois modelos, o da mãe – empregada doméstica, diminuída na sua individualidade pela prepotência da patroa que se sente autorizada a subjugar-la em função das “seis notas de cinquenta” com que mensalmente lhe remunera – e o de Miltão – líder absoluto do tráfico no morro do Berimbau, rico e poderoso, com toda uma comunidade lhe rendendo tributos –, ele não titubeia em optar pelo caminho trilhado por este último.

Ao partir da posição de olheiro, espécie de vigia que, posicionado em lugar estratégico, observa atentamente a aproximação de figuras indesejadas para, então, avisar o grupo, ele passa a exercer o cargo de “aviãozinho”, entregador de drogas, depois o de soldado, que, portando armas pesadas, atua na defesa dos interesses de seu líder, para, finalmente, tornar-se o próprio líder, após destituir Miltão do posto.

¹² SCHOLLHAMMER, Karl Erik. *Breve mapeamento das relações entre violência e cultura no Brasil contemporâneo. Estudos de literatura brasileira contemporânea*. Brasília: UNB, 2007, p. 42.

Embora sem muita satisfação, ele o elimina pessoalmente e, seguindo a “tradição do morro”, arrasta-o até o bar do Onofre e dispara sua metralhadora para o céu, comunicando que “a partir daquele momento, o Berimbau¹³ estava sob seu comando”¹⁴.

Assim, aos dezessete anos, ele assume a posição almejada ainda na sua meninice, sem se dar conta de que, no mundo do crime, a condição de líder é sempre provisória.

Essa consciência ele vai adquirindo aos poucos, à medida que a liderança vai perdendo seu caráter maravilhoso, metaforizado pela novíssima geladeira de seu escritório abarrotada de “yakults”, “danoninhos”, “toddynhos” e outros produtos industrializados que lhe fascinavam e que, na sua infância pobre, lhe eram proibidos.

A sucessão de traições, conspirações e tocaias conferem ao seu reinado um ritmo tenso, em que o constante estado de alerta vai lhe dando o tom, até, por fim, sobrevir à queda, já aguardada pelos leitores atentos. Com isso, o romance apresenta uma análise da violência urbana, relacionando-a com as diferentes facetas dos valores vigentes da sociedade e, os leitores, são confrontados com a lógica da cultura da violência em que, os julgamentos éticos e interrogações sobre as consequências, permanecem sob a responsabilidade do leitor. Convém ressaltar que a violência, por qualquer ângulo que se olhe, surge como a organizadora da própria ordem social brasileira e como um elemento constitutivo de cultura; como consequência, a experiência criativa e a expressão simbólica, como acontecem com a maior parte das culturas de extração colonial, estão profundamente marcadas por ela. Nesse sentido a história brasileira transporta e comporta, em temas literários, uma violência de vários matizes, tons e semitons, que pode ser encontrada assim desde as origens, tanto em prosa como em poesia: a conquista, a ocupação, a colonização, o aniquilamento dos índios, a escravidão, as lutas pela independência, a formação das cidades e dos latifúndios, os processos de industrialização, o imperialismo, as ditaduras... Todos esses temas estão divididos, “grosso modo”, na já clássica nomenclatura “literatura urbana”.

¹³ Berimbau: morro fictício no Rio de Janeiro, onde o personagem principal “Reizinho” cresce e se torna dono do tráfico de drogas.

¹⁴ MELO, Patrícia. *Inferno*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 215.

No capítulo 3, será abordado o tema literatura e violência urbana em sala de aula, mostrando como se pode trabalhar a questão da violência na literatura contemporânea para os alunos, que tem crescido vertiginosamente nos últimos anos e já faz parte da nossa realidade.

CAPÍTULO 3

Plano de Aula

Professor: Alberto Sales do Nascimento Júnior

Disciplina: Literatura Brasileira

Turma: 3º ano do Ensino Médio

Duração: 3 aulas de 50 minutos

Assunto: Aspectos da Ficção Brasileira Contemporânea na Obra “Inferno”, de Patrícia Melo.

COMPETÊNCIAS	HABILIDADES	PROCEDIMENTOS
<ul style="list-style-type: none"> • Compreender aspectos sociais predominantes na ficção brasileira contemporânea. • Compreender a categoria da violência na ficção brasileira contemporânea. 	<ul style="list-style-type: none"> • Ler e identificar aspectos linguísticos pertencentes na ficção brasileira contemporânea. • Ler e identificar aspectos sociais, econômicos e culturais predominantes na obra “Inferno”, de Patrícia Melo. • Identificar a categoria da violência urbana na obra “Inferno”, de Patrícia Melo, pelo viés da linguagem. • Identificar na obra “Inferno”, de Patrícia Melo, aspectos da violência urbana na periferia dos grandes centros. 	<ul style="list-style-type: none"> • Iniciando a aula pela apresentação de uma música dos Paralamas do Sucesso “O calibre”. • Apresentando os capítulos escolhidos da obra “Inferno” de Patrícia Melo. • Debatendo a questão da violência urbana nos capítulos selecionados na obra “Inferno” de Patrícia Melo. • Finalizando com a elaboração de um mural com o seguinte questionamento: “A violência interfere na sua vida?”.

BIBLIOGRAFIA:

LIBÂNEO, José Carlos. *Didática*. São Paulo: Cortez, 1990.

MELO, Patrícia. *Inferno*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

OS PARALAMAS DO SUCESSO. *O calibre*. Disponível em: <http://letras.terra.com.br/os-paralamas-do-sucesso/69953/>. Acesso em: 24 de outubro de 2011 às 21hs45min.

PELLEGRINI, Tânia. *Despropósitos: Estudos de ficção brasileira contemporânea*. São Paulo: Annablume, 2006.

Primeira Aula

Distribuir, para todos os alunos, um trecho de um capítulo (capítulo 1, páginas 9-10¹⁵) da obra “Inferno”, de Patrícia Melo.

Depois da leitura, utilizar o trecho da obra e posicioná-lo no contexto da literatura brasileira contemporânea na literatura brasileira.

Destacar, no trecho selecionado, aspectos linguísticos da obra “Inferno”, de Patrícia Melo:

Inferno

A epígrafe de *Inferno* é emprestada de Virgílio: *A descida é fácil, as portas do inferno estão abertas dia e noite* (*Êneida*, Livro VI), reiterando o universo que será retratado. Entretanto, os primeiros parágrafos invertem de forma astuciosa o acesso ao inferno: em lugar de descer, o protagonista, irônica e premonitória-mente apelidado Reizinho, está *subindo* o morro. Ascensão e queda implicam-se nesses primeiros passos do caminho.

Focalizadas com lupa, as minúcias e perversidades desse inferno revelam-se nos lugares menos esperados. Esse é o caso dos nomes próprios. Eles destoam da banalidade de seus portadores e indiciam a presença de uma realidade externa que, como etiqueta de produto falsificado, estiliza o universo da favela.

Nada é flagrado com grandes efusões ou, ao contrário, de maneira chapada. Os discursos indietos livres e as enumerações caóticas convocam vozes que humanizam/desumanizam a paisagem e os participantes desse universo. Captando a banalização da vida, do humano, presente nas cores, sons, cheiros, a narrativa evidencia a naturalização assumida, por exemplo, no gesto da menina que acena e se exhibe para aqueles que a olham como objeto captado e divulgado como imagem estilizada.

Sol, piolhos, trambiqueis, gente boa, trapos, moscas, televisão, agiotas, sol, plástico, tempestades, diversos tipos de trastes, funk, lixo e escroques infestam o local. O garoto que sobe o morro é José Luis, o Reizinho. Excluindo Reizinho, ninguém ali é José, Luiz, Pedro, Antônio, Joaquim, Maria, Sebastiana. São Giseles, Alexis, Karinas, Washingtons, Christians, Vans, Daianas, Klebers e Eltons, nomes retirados de novelas, programas de televisão, do jet set internacional, das revistas de cabeleireiras e de produtos importados que invadem a favela.

Subindo. Ruas de terra batida. Onze anos, o garoto, Reizinho. Pipa nas mãos. Pés descalços. Short laranja. Uma menina acena para a câmera do cinegrafista. É comum se deparar com uma equipe jornalística na favela. A garota diz que sabe sambar. E sabe. Projeta o traseiro em direção à câmera, saracoteia, sensual. (...)

Durante a caminhada morro acima, domésticas sorriem para ele, passam, crianças, gente indo para o trabalho, oi Reizinho, pedreiros cumprimentam, crianças, babás, cachorros, eletricitistas, oi, acenam as mãos, latem, cadelas, babás e digitadores, cachorros, encanadores, gigolôs, porteiros, ladrões de carros, crianças, sorriem, moças nas janelas, manobristas, assaltantes, costureiras, sorriem, traficantes de armas, o local é tumultuado, barulhento, confuso, entulhado, sujo, colorido (p.9 -10).

Essa primeira tomada panorâmica ofusca a vista e atíça o ouvido do leitor que, num relance, absorve o conjunto caótico e dinâmico, exposto pela enumeração de elementos de naturezas diversas. O que se vê e ouve está enquadrado pelo ponto de vista do narrador, por meio do tom avaliativo do léxico e do ritmo da sintaxe. A paisagem híbrida e seus habitantes, distinguidos por suas qualidades ou profissões, deixam expostas as fraturas que constituem a favela enquanto espaço infestado.

A passagem do protagonista é captada como rap, como clipe, como narrativa / diálogo / resposta à plateia. O quadro exhibe, em forma de colagem, pessoas e bichos, personagens sem qualquer possibilidade de escapar do abismo social a que estão condenados, “vivendo temporariamente” no tráfico, no subemprego. Entretanto, à subida do Reizinho, as faces de humanidade, de um dia a dia com cumprimentos, sorrisos, acenos, esperanças no salvador, vêm à tona, desnaturalizando essa espécie de metonímia da lata de lixo público criada pela degradação social brasileira.

Fonte: “A linguagem do inferno”. Texto publicado na seção “Obra aberta” da Revista Língua Portuguesa, edição de novembro de 2009.

<<http://revistalingua.uol.com.br/ObraAberta/ObraAberta49.pdf>>
(acesso em 3 de novembro de 2011)

¹⁵ MELO, Patrícia. *Inferno*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 9-10

Segunda Aula

Explicar para os alunos algumas características da sociedade contemporânea. Sintetizar alguns aspectos.

Realizar leitura do trecho da obra “Inferno”, de Patrícia Melo, mostrando os aspectos sociais, econômicos e culturais e realizar as seguintes atividades:

1. Debater com os alunos os aspectos evidenciados.
2. Solicitar que os alunos tragam, na próxima aula, cortes de jornais a respeito das condições que produzem violência.

“Cabrum. Nove horas da manhã. Céu negro, tempestade se armando. Sinal fechado. Maria Emília, a caminho do cabeleireiro, foi assaltada por um menino que a ameaçou com um caco de vidro. Minutos depois, Simone, secretária de uma multinacional, passava batom, mirando-se no espelho retrovisor, quando um moleque surgiu, ameaçador, caco de vidro na mão. Se gritar, vai pro beleléu. Ana, estudante de direito, passe a bolsa, madame, e calma. Caco de vidro na mão. Amélia, cinquenta e quatro anos, no telefone, contava para o filho como fora assaltada naquela manhã, eu não tinha nada na carteira, foi sorte, meu filho. Só levou o relógio. A minha vontade, disse Simone, ainda comentando com a amiga, no escritório, o assalto que sofrera, a minha vontade é pegar um menino desses e bater, bater, dar uma surra, deixar o infeliz em carne viva. Isto é um assalto, disse o menino para Angélica, dezoito anos, garota histérica, que acabara de chegar das férias nos EUA. Caco de vidro na mão. Cheguei de Miami e, na primeira vez que ando de carro, sou assaltada. Isto é o Brasil, ela disse. Nenhuma das vítimas deu parte na polícia.”¹⁶

“Desconfiem de todo mundo, dizia Miltão, até de turista que vem em bando, em jipes fretados, pagando para ver esgoto e pobreza. Entrou, deve ser

¹⁶ MELO, Patrícia. Idem, p. 61

checado. E se neguinho não disser lé com cré, advertia, neguinho se fode comigo.”¹⁷

“Havia sempre muito tumulto e barulho na entrada da favela, pela avenida Epitácio Pessoa. Os carros eram obrigados a diminuir a marcha para não atropelar a multidão, que se acotovelava nas estreitas calçadas de pedra e na única rua pavimentada do morro. Não era preciso andar muito para obter qualquer tipo de produto ou serviço. Além do açougue, havia caixa eletrônico, auto-mecânica, várias butiques, farmácia, lojas de material de construção, eletricitas, barracas de camelôs, academia de ginástica, a maioria funcionando ilegalmente. Àquela hora, os ônibus descarregavam, no ponto final, os moradores, que voltavam do trabalho.”¹⁸

Destacar no livro os aspectos sociais, econômicos e culturais na obra “Inferno”, de Patrícia Melo. Evidenciar de forma documental como os grandes centros urbanos com seus problemas específicos, em especial, a desigualdade social, a sociedade de consumo, aspectos que despertam a necessidade do TER, evidenciado pela mídia impressa e televisiva (a publicidade) e como forma de ascensão social. Não esquecer de destacar que se vive numa sociedade da imagem. É a imagem que norteia a trajetória dos indivíduos nos grandes centros e a sua aceitação na sociedade. Como por exemplo: comercial de carro, de roupa, onde adquirindo esses produtos (produtos de melhor qualidade), você é visto “bem visto” pela sociedade da imagem.

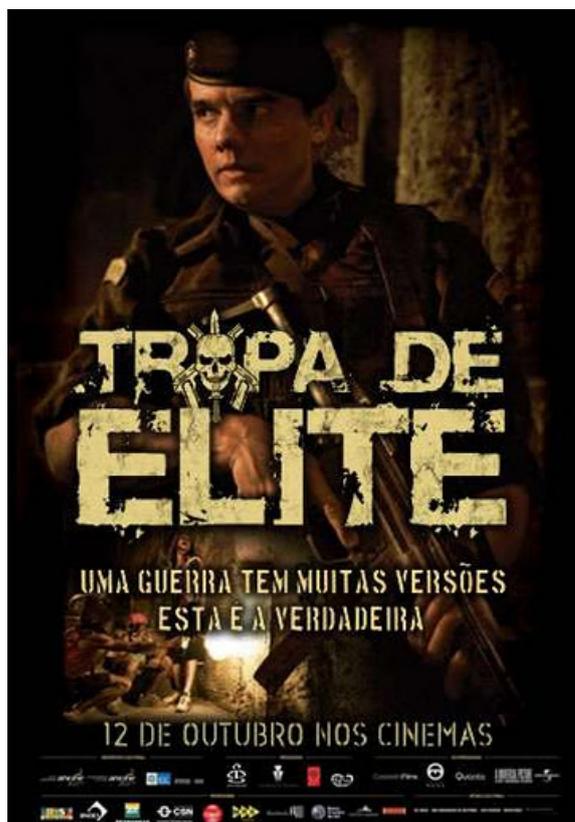
¹⁷ MELO, Patrícia. *Ibidem*, p. 13

¹⁸ MELO, Patrícia. *Ibidem*, p. 33

Terceira Aula

Identificar no filme “Tropa de Elite”, a categoria da violência urbana representada pela obra “Inferno”, de Patrícia Melo e, também, os aspectos da violência urbana na periferia dos grandes centros.

Comentar o enredo do filme. Estabelecer a situação de moradia da favela (periferia), as leis das milícias e, principalmente, a falta de opção em não deixar de ser marginal: fazer parte de um esquema ilegal, devido a aspectos da sociedade (como o consumo, a imagem, as vantagens de se ter poder). Relacionar a impunidade em relação aos crimes do “colarinho branco” e destacar que a instituição POLÍCIA também tem o seu lado “podre” e “alivia” os brancos e poderosos, sendo extremamente rígida e cruel com os pobres e negros.



Fonte: Wikipedia.

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Tropa_de_Elite>
(acesso em 15 de novembro de 2011)

Com isso, os alunos puderam partir de situações do cotidiano, depois das três aulas, para a produção do mural. No debate, puderam identificar episódios do cotidiano e comentá-los em sala de aula. O debate foi muito produtivo em que, o professor, aprendeu muito com os alunos e vice versa. A maioria dos alunos prestaram atenção às aulas, principalmente, quando foi passado o filme “Tropa de Elite”.

A turma colaborou na aula, fazendo silêncio quando o mesmo iniciou o processo de ensinar o conteúdo. Foi observado que houve interação professor-aluno, cada aluno respondeu de forma satisfatória. Assim, eles atingiram o objetivo do magistrado, pois eles demonstraram que compreenderam o conteúdo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vivencia-se a um grande aumento da violência associada, principalmente, às comunidades periféricas que, em grande parte, se encontram dominadas pelo tráfico de drogas. Integradas por jovens que em muitos casos desde crianças se inseriram na criminalidade, as quadrilhas se configuram como um espaço de sociabilidade, referência e segurança aos jovens.

Essa situação, de acordo com a obra “Inferno”, de Patrícia Melo, retrata a ineficiência do Estado, que não tem disponibilizado alguma forma de resolver os principais problemas sociais, sobretudo, um serviço de segurança pública eficaz à sua população. Enquanto o poder do Estado não se impõe, o crime organizado se institui como um poder paralelo, que estabelece regras de ética e conduta própria, além de implantar fronteiras para a atuação de determinada facção criminosa.

Com seus códigos próprios desafiam o poder do Estado, ditando as regras e normas de justiça local, punindo, em muitos casos, com a morte a quem consideram como inimigos. Discriminados pela sua condição socioeconômica, desvalorizados pela sociedade que os vê como marginais, os personagens da obra “Inferno”, de Patrícia Melo, encontram no poder exercido pela arma de fogo, nos crimes bárbaros cometidos contra a comunidade periférica em que vivem, forma de conseguir prestígio, aceitação social e dinheiro, tão importantes numa sociedade embasada em modismos e valores consumistas.

REFERÊNCIAS

BRAIT, Beth. *A linguagem do inferno*: Revista Língua Portuguesa, v. 49, p. 34-35, 2009. Disponível em: <<http://revistalingua.uol.com.br/ObraAberta/ObraAberta49.pdf>> Acesso em: 3 nov 2011.

CANDIDO, Antonio. Literatura e Subdesenvolvimento. In: _____. *A educação pela noite 7 outros ensaios*. 3 ed., São Paulo: Ática, 2000.

CUNHA, Eneida Leal. *Estampas do imaginário*. Literatura, história e identidade cultural. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 7 ed., São Paulo: Paz e Terra, 2004.

MELO, Patrícia. *Inferno*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

PEREIRA, Helena Bonito C.(Org.). *Ficção brasileira no século XXI*. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2009.

QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. *En libro: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais*. Edgardo Lander (org.). Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. Setembro 2004.

RAVETTI, Graciela; FANTINI, Marli (Orgs.) *Olhares críticos*. Estudos de literatura e cultura. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

RESENDE, Beatriz (Org.). *A literatura latino-americana do século xxi*. Rio de Janeiro. Aeroplano, 2007.

_____. *Expressões da literatura brasileira no século XXI*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2008.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. *Breve mapeamento das relações entre violência e cultura no Brasil contemporâneo*. Estudos de literatura brasileira contemporânea. Brasília: UNB, 2007.

SHOHAT, Ella; Stam, Robert. *Crítica da imagem eurocêntrica*. Multiculturalismo e representação. Tradução de Marcos Soares. São Paulo: CosacNaify, 2006.

TROPA DE ELITE. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Tropa_de_Elite> Acesso em: 15 nov 2011.